

Da geração lixo à geração depositação



Ilustração de Leandro Gomes

Lá bem longe, no seio da Floresta Laurissilva, ainda resiste uma aldeola onde reina os tempos idos. Parece até saída da nossa imaginação, fruto dos nossos antepassados. Nesta aldeola mágica já só vivem pessoas muito velhinhas. A civilização parece não ter chegado a estes cumes longínquos e recônditos, à bela aldeia serrana do Vinhático Agreste.



**Ilustração de Leandro Gomes**

Esta aldeola é património de todos e, por isso, recebe muitos turistas durante todo o ano, curiosos por descobrir costumes e trilhos que os levam à Floresta Laurissilva. Eles ficam perfeitamente perplexos com a beldade da nossa terra e das nossas gentes. Encantam-nos o massaroco, a isoplexis, os rainúnculos, as orquídeas da serra e até as mais comuns e não endémicas hortênsias floridas à beira dos caminhos.

Adoram a simplicidade das gentes que lavram a terra e vivem onde o tempo parece ter estagnado. São gentes que plantam trigo para moer farinha no moinho de água do sítio. Amassam pão-de-casa, rosquilhas embrulhadas em folhas de couve e cozem bolo do caco. Guardam o gado em palheiros de pedra e pastam rebanhos na serra.

Muitas são as iguarias que ainda resistem por ali e maravilham os turistas que por ali passam: a espetada em espeto de louro, a matança do porco com dentinhos apetitosos de vísceras, o bolo de milho feito a lenha, as broas de mel e o néctar das uvas, espezinhado em lagares de pedra.



**Ilustração de Simão Sousa**

Há tradições que marcam quem por ali passa desde as vindimas no outono, as missas do parto e as romagens no natal, as searas em família no verão e os arraiais de fruta primaveris.

Esta terriola em nenhures é conhecida por todos como um museu vivo de outros tempos. Quem lá vive recusa-se a sair. São gentes simples, humildes, resilientes e hospitaleiras.

Numa era tão tecnológica, até custa a acreditar que ainda resta este santuário natural, algures na Ilha da Madeira. Estamos tão habituados a premir o botão para ligar a televisão, abrir a porta da garagem, girar a cápsula do café, ligar a máquina de lavar roupa, jogar *playstation* ou falar pelo *skype* com os padrinhos lá na Austrália...



Ilustração de Ana Carolina Baptista

Este era o assunto debatido na aula de estudo do meio dos alunos do segundo ano, da escola básica com pré-escolar Dr. Clemente Tavares, em Gaula. Alguns alunos nunca tinham ouvido falar de tais costumes ou usos. Pensavam que o ferro a brasas aquecia com azeite! Que tempos de outrora terão sido estes?!



Ilustração de Francisco Franco

Um dos alunos da brigada Ecoescola sugeriu à professora fazer uma pequena visita de estudo a essa aldeia. Havia tantas dúvidas! Então como é que lavam a roupa? Como é que tomam banho? Como é que cozinham? Será que têm eletricidade? Como é que falam com os familiares sem telefone e internet?

Perante isto a professora concordou logo em organizar a visita e com o consentimento dos pais, no dia da criança, a turma foi visitar a tal aldeia remota, onde o tempo parece ter estagnado.

Estavam a cantarolar o hino Eco- escola no autocarro, quando saíram da via equiparada, em asfalto, e entraram numa velha estrada regional em calçada. Aos solavancos seguiam caminho pelo único acesso à aldeia Vinhático Agreste.



**Ilustração de Nídia Rodrigues**

A meio da caminhada, o autocarro parou. Chegara a hora de fazer uma pausa. Em fila, os alunos saíram do autocarro e, logo, a professora começou a mostrar aos alunos algumas árvores endémicas circundantes: o til, o barbusano, o vinhático, o loureiro, entre outros. Até que um dos alunos, o mais rezingão, pois, alertou a professora que já estavam todos esfomeados. Juntaram-se todos à beira do ribeiro. Uns brincavam às escondidas e à macaca ou ao jogo do lenço, quando a professora os chamou para continuarem a viagem de autocarro.

Os alunos da brigada Eco, conscientes e responsáveis, antes de partir fizeram uma vistoria ao local, após o piquenique. Todos os resíduos separados nos devidos sacos para colocar no ecoponto da escola ao regresso. O Igor regressou ao autocarro deveras aflito, gaguejava até, à procura da professora. Ora, tinha visto da ravina, em plena ribeira, ao abandono e dispostos em céu aberto, um velho frigorífico e um fogão às peças, totalmente enferrujados!



**Ilustração de Leandro Gomes**

-Professora venha ver! –alertou o chefe da brigada.

-Meninos, de mãos dadas, com atenção por causa da berma, observem só isto! Sabem antigamente não havia depositrões! As pessoas jogavam pelas ribeiras e ravinas de pouco acesso os eletrodomésticos avariados. – explicou a professora.

-O que podemos fazer, professora? Não vamos deixar isto no meio da Floresta Laurissilva. – perguntou a menina Gabriela.

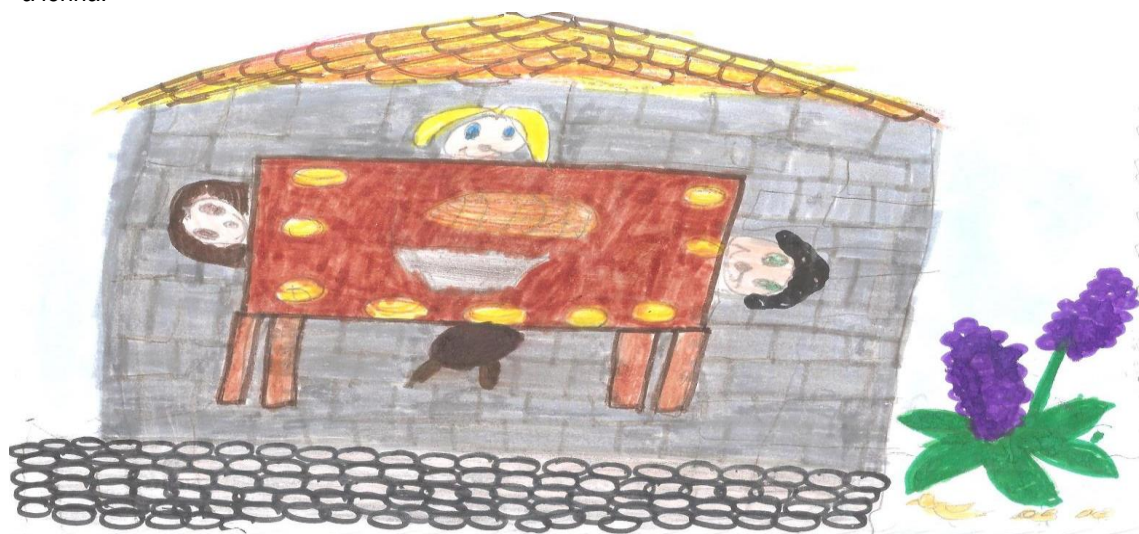
-Meninos, tenham calma! Vamos telefonar para o departamento de salubridade da nossa Câmara Municipal. São responsáveis pela recolha e encaminhamento próprio destes resíduos. – retorquiu a professora.



**Ilustração de Pedro Henriques**

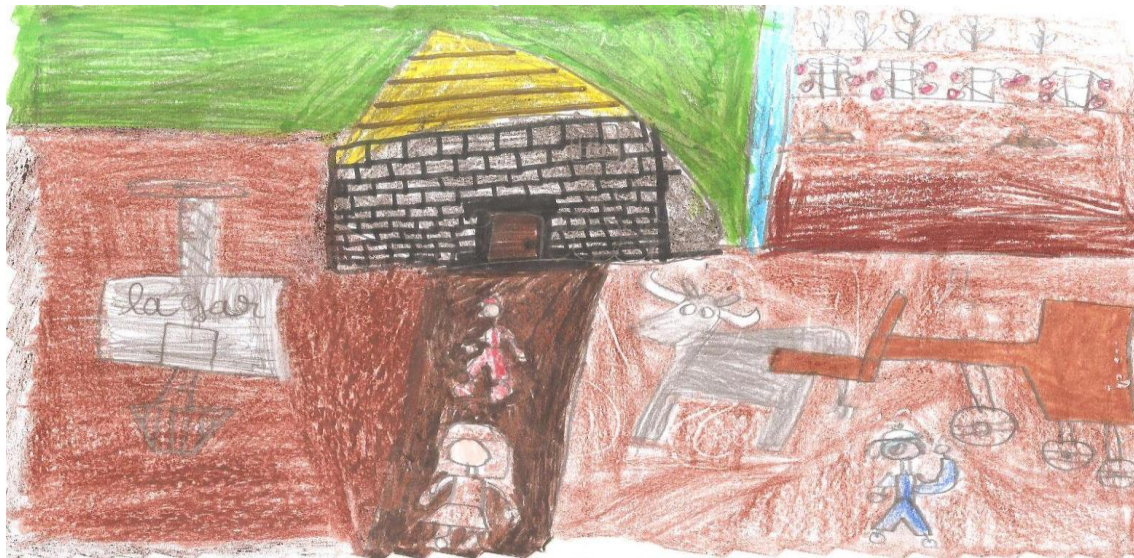
Após esta peripécia continuaram até à aldeola nos confins da Floresta Laurissilva. Passadas duas horas chegaram à peculiar aldeola. Era uma paisagem celestial: pequenas aglomerações de casinhas de pedra, rodeadas de poios cultivados, com rebanhos à solta e pastores de barrete de orelhas.

À espera do autocarro, estava a Avó Joaquina, como era conhecida na terra. Esta velhinha recebia toda a gente que visitava esta aldeia idílica com canja de galinha e pão-de-casa saído da fomalha a lenha.



**Ilustração de Nicole Moreno**

Eram muitas as perguntas das crianças, mas a professora interrompeu-os e pediu-lhes que seguissem a anfitriã até à sua humilde casa. Uma velha casa de pedra, com telhado de colmo desgastado, portas e janelas de madeira descoloridas e degradadas pela erosão, sem grandes luxos e comodidades, com bem poucas assoalhadas. Sem garagem nem carro! Sem televisão ou micro-ondas na cozinha! Apenas um velho lagar a três metros de casa. Um carro de bois estacionado ao pé de um poio de semilhas.



**Ilustração de Francisco Franco**

Por esta altura, acordara rezingão o pobre do velho Manuel Silvério, que dormia a sesta. Habitado a ser incomodado, apenas pelo chilrear dos bis-bis e dos tentilhões, via agora a sua casa cheia de piralhos! Levantou-se num ápice e foi cortar lenha com um velho machado para aquecer a casa ao pernoitar.

A professora sentou os alunos em roda no chão de pedra, pintado a tijolo, a beira do lar. Ainda se sentia o calor do borralho. Quase não se percebia a Avó Joaquina, sentada numa velha poltrona de vimes, ora pela dentadura ora pelo sotaque serrano, carregado de regionalismos que aquelas crianças nunca ouviram antes.



**Ilustração de Simão Sousa**

A avó começou a narrar o seu dia-a-dia desde o raiar do sol. À medida que falava, levantou-se, demonstrando o que fazia, captando a atenção das crianças, impávidas e serenas.

Começou por dizer que acorda todos os dias com o cantar do galo bideão, lava a cara na pia de ferro, apaga as lamparinas de azeite, calça as botas de água e vai mungir às vacas à rédea solta nos poios para ir ao posto medir o leite.

Disse que o seu velho antes de ir regar a fazenda, acende a lareira e faz o café da avó, vindo da Venezuela, numa velha cafeteira de latão encardida pelas cinzas do lar.

Pelo caminho apanha couves da horta para fazer a sopa do dia numa panela de ferro. Chegando a casa, poussa a bilha de leite debaixo da mesa para não azedar. Vai às púcaras buscar um pedaço de carne de porco em salmoura e junta mais paus de lenha à fogueira para o almoço.



**Ilustração de André Matos**

Enquanto a sopa coze, vai à fonte buscar água corrente num bidão.

O velho entretanto chega a casa, poussa a foice e enxada e vai ao moinho buscar farinha para amassadura do dia seguinte. Almoçam a sopa com pão velho e a avó lava a loiça num velho alguidar de barro.

Depois do almoço, ela leva a roupa suja para lavar na ribeira com barras de sabão azul. Fica a coarar até à tardinha.



**Ilustração de Nídia Rodrigues**

Aproveita para bordar ponto madeira enquanto o velho vai à estrada ver se o carteiro traz novas do filho emigrado na África do Sul.



**Ilustração de Marta Rosa**

A cada passo dado os miúdos permaneciam incrédulos. Agora percebiam o quanto esta era lhes era distante e deveras árida.

Foi então que o chico esperto da turma teve uma ideia. Juntos reciclaram um ecoponto com várias latas de plástico, jogadas pela adega, e ensinaram à avozinha como usar o pilhão, o embalão, o papelão, o rolhão e o vidrão.



**Ilustração de Carolina Baptista**

Ora aqui está! Eles aprenderam com a Avó e Avó aprendeu com eles. Como afinal gerações diferentes até se entendem!

Entardecia quando a professora mandou-os regressar ao autocarro. A viagem até à estrada de asfalto demorava e era preciso chegar a tempo à escola. A avozinha despedia-se também com pressa, ainda ia à mercearia do Zé Elias comprar sal grosso, sabão azul e azeite.

Esta foi uma aventura que ninguém nunca mais se esqueceu até aos dias de hoje!